



VOZ DA FÁTIMA

Chamados ao Encontro

EDITORIAL

40.º aniversário de um momento de afirmação da paz no mundo

Padre Carlos Cabecinhas

Há quarenta anos, no dia 25 de março de 1984, o Papa S. João Paulo II, na Praça de S. Pedro, diante da Imagem de Nossa Senhora venerada na Capelinha das aparições, fez o solene ato de consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, em união com todos os bispos do mundo, conforme o pedido de Nossa Senhora nas aparições de Fátima. Dando resposta às dúvidas suscitadas, a Irmã Lúcia veio posteriormente confirmar que a consagração tinha sido feita segundo o pedido de Nossa Senhora e que deveria considerar-se que o pedido tinha sido cumprido.

A escolha do dia 25 de março não foi neutra: se no centro da Solenidade da Anunciação está Jesus Cristo, é o “sim” de Maria que torna possível a encarnação do Verbo de Deus. O sentido da consagração a Nossa Senhora remete-nos sempre para Jesus. Curiosamente, este ano em que assinalamos os quarenta anos daquele ato de consagração, a solenidade da Anunciação do Senhor não se celebrará no dia 25 de março, por coincidir com a Semana Santa, mas sim no dia 8 de abril, a segunda-feira depois da oitava da Páscoa.

A consagração a Maria e ao seu Imaculado Coração é sempre consagração a Deus por meio de Maria. Todos nós fomos consagrados por Deus e a Deus no Batismo. Consagrar-se a Nossa Senhora, sob o símbolo do seu Coração Imaculado, é confiar-se à solicitude materna de Maria que, na Cruz, Jesus nos deu como Mãe, para que nos ajude a vivermos a nossa consagração batismal; mas é igualmente deixarmos-nos guiar pelo seu exemplo de discípula fiel e serva do Senhor. A consagração ao Imaculado Coração de Maria compromete aquele que se consagra na imitação de Maria.

Na Mensagem de Fátima, o tema da consagração está presente na aparição de 13 de junho, quando Nossa Senhora fez a revelação do seu Imaculado Coração e anunciou que Deus quer estabelecer no mundo a devoção a esse Coração Imaculado, e sobretudo na aparição de 13 de julho, na qual Nossa Senhora, no contexto do Segredo de Fátima, pede a consagração da Rússia. Mais tarde, na visão de Tui (Espanha), em 1929, concretizou-se o pedido: “É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do Mundo, a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio”. O tema da consagração acompanha, pois, a Mensagem de Fátima, desde o seu início.

Estes pedidos de consagração tiveram recetividade dos Sumos Pontífices, especialmente do Papa Pio XII. Será, porém, o Papa S. João Paulo II a realizar o ato de consagração de acordo com o pedido de Nossa Senhora.

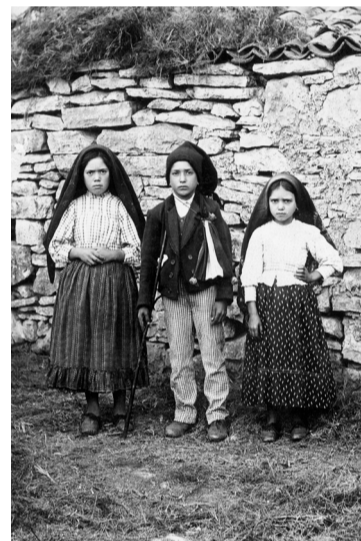
Foi especialmente significativo que o Papa Francisco tenha decidido fazer a consagração da Ucrânia e da Rússia ao Imaculado Coração de Maria no dia 25 de março de 2022, e que o tenha feito em Roma, enquanto simultaneamente o seu Legado Pontifício, o cardeal Konrad Krajewski, fazia o mesmo ato de consagração no Santuário de Fátima.

Fazer memória dos 40 anos da consagração ao Imaculado Coração de Maria é fazer memória de um momento único de fé, de esperança, de confiança e de afirmação da paz como caminho para a humanidade.

Fátima pelo olhar de quem a fotografa

Lugar de devoção e de peregrinação, Fátima suscita, desde sempre, o interesse dos fotógrafos, numa experiência de trabalho que faz com que seja “impossível vir a Fátima apenas como profissional”.

Diogo Carvalho Alves



As primeiras fotografias relacionadas com o acontecimento de Fátima transportam-nos para o ano das aparições. Nas primeiras imagens de que há registo, tiradas no dia 13 de julho de 1917, estão retratadas as três crianças a quem a Virgem Maria aparecia desde maio. Numa dessas imagens, da autoria de Mário Godinho, Lúcia, Francisco e Jacinta estão junto a um cruzeiro, no adro da igreja paroquial de Fátima; numa outra, um plano de corpo inteiro fixa os videntes com as suas vestes típicas do pastoreio.

O uso da imagem fotográfica com um sentido explícito surge dois meses depois, quando o fotógrafo Joaquim António Carmo retrata os três Pastorinhos já numa pose de oração, com os rosários a pender das mãos unidas e um olhar concentrado na objetiva.

A fotografia mais divulgada dos três videntes, de autoria desconhecida, foi tirada dias antes da aparição de 13 de outubro e volta a dispor as crianças em pose, também com os trajas

de pastores, junto de casa, em Aljustrel.

A Cova da Iria, espaço onde se deram as aparições, só viria a ser retratada a 13 de outubro de 1917, dia em que a expectativa de um milagre, “para que todos acreditassem”, fez juntar num planalto remoto da Serra de Aire milhares de pessoas. Judah Bento Ruah veio com o propósito de fotografar o ambiente. O tio, Joshua Benoliel, um dos mais reconhecidos fotojornalistas no Portugal de então, não tendo disponibilidade, pediu ao sobrinho que o substituisse naquela ida à Cova da Iria, para acompanhar o jornalista e seu companheiro de redação do jornal “O Século”, Avelino de Almeida.

As 13 fotografias de Judah Bento Ruah são documentos únicos de Fátima, que retratam o ambiente da multidão que se reuniu em redor das três crianças, naquele dia chuvoso de outubro de 1917. Este espólio, que integra o Arquivo do Santuário de Fátima, dá a conhecer a geografia da Cova da Iria e a face dos primeiros peregrinos de Fátima.

“Estas fotografias são indissociáveis da história de Fátima, porque acabam por ter uma multiplicidade de significados simbólicos, respondendo a expectativas e contextos diferentes [...] e acabam por revelar e assegurar que isto aconteceu. Pensados e construídos enquanto acontecimento e atualidade, estes registos são, hoje, passados cem anos, história”, afirmou o fotógrafo e investigador Paulo Catrica, numa visita à exposição temporária do Santuário, no ano de 2018.

No século que se seguiu, Fátima passou de um espaço recôndito a um lugar que focou cada vez mais o interesse de quem trabalha a fotografia e documenta pela imagem as realidades dos tempos. Os registos que fixaram os dias dos últimos cem anos na Cova da Iria são, também eles, documentos históricos do lugar e dos peregrinos que o visitaram. Nesta edição, fomos sondar a experiência e as motivações dos que olham e registam Fátima pela lente da máquina fotográfica.

Fátima pelo olhar de quem a fotografa

Judah Bento Ruah, Mário Godinho, Eduardo Gageiro, Alfredo Cunha ou, no plano internacional, o checo Josef Koudelka, o francês Bruno Barbeyou e o brasileiro Sebastião Salgado, todos estes fotojornalistas têm em comum o facto de terem fotografado a realidade de Fátima, ao longo dos mais de cem anos da sua existência.

Os ambientes fixados pela lente destes e de outros profissionais da fotografia são documentos históricos únicos, que retratam os ambientes e as vivências da Cova da Iria ao longo dos tempos. Nesta edição, a *Voz da Fátima* foi conhecer as motivações e as experiências de dois fotojornalistas, que olham para Fátima como um lugar de contínuo regresso, que “vai muito além do trabalho”, onde a transformação do mundo e da sociedade se expressa em novidades constantes.



RUI MIGUEL PEDROSA

MAIO DE 2017

“Eu percebi que a criança miraculada estava ali, com o pai, e que o Papa ia passar. Na altura, ainda não era público quem seria, mas eu perguntei. A falta de resposta fez-me acreditar que seria aquela. Foi um momento que eu procurei fazer, porque estava à espera que acontecesse. O que a torna especial para mim é todo o propósito que está na origem.”

Um ambiente de fé e festa fascinante

O interesse de António Pedro Ferreira para olhar Fátima pela objetiva foi despertado por uma reportagem fotográfica do ambiente da Cova da Iria, de Eduardo Gageiro, publicada na revista *Século Ilustrado*, no final da década de 1960. Com apenas 12 anos, o pequeno António já identificava naquelas imagens, para além da “estética fabulosa” do autor, uma “devoção fascinante” nas pessoas que eram retratadas. Uma década depois, veio ele próprio, de máquina fotográfica a tiracolo, num 12 de outubro, retratar o ambiente que o atraiu em criança.

“À chegada, o impacto foi enorme. Nunca tinha visto tanta gente junta, muito menos para uma oração coletiva. No confronto com uma multidão fora de série, tentei ordenar mental e graficamente o que ia vendo”, conta o fotojornalista, ao admitir o desafio que foi um “escolher o assunto ideal e en-

quadrá-lo num retângulo”.

“É extraordinário, porque este recinto de Fátima tem menos de um quilómetro quadrado e aqui passa-se tudo”, diz o fotógrafo, ao caracterizar os ambientes que retratou e a definir Fátima como um “reflexo visual da transformação do país”.

“Sempre me fascinou o ambiente de fé: aqueles olhares, aquelas caras, aquelas situações, o sofrimento, o andar de joelhos, o cumprir promessas... E tinha uma curiosidade imensa em ver, de perto, aquilo que eu já sentia que era um país que estava em grande transformação”, acrescenta, ao assumir a dificuldade de conciliar “o respeito e a ética jornalística face ao sofrimento impressionante” que observa quem vem fotografar Fátima.

A par da devoção, foi também o lado pagão da festa e do convívio que seduziu o olhar de António Pedro, aquele lado que continua a fazer de Fátima um lugar “cosmopolita, pelo contacto e convivência que promove

entre as pessoas”, revela o “olhar do cérebro” de quem já fotografa, há mais de 40 anos, as formas e as emoções deste espaço.

Das velas aos telemóveis

“O António Pedro Ferreira, para mim, é a maior referência fotográfica de Fátima”, confessa o fotojornalista Rui Miguel Pedrosa, ao destacar o livro “Fátima: 1979–2016”, do colega, como uma obra ímpar do fotojornalismo sobre Fátima.

“Volta e meia, vou folheá-lo, para me inspirar no meu próprio trabalho”, confidencia Rui Pedrosa, que já fotografa Fátima há mais de 15 anos. Veio a primeira vez ainda era um jovem, em 2007, para fotografar o ambiente da Cova da Iria apenas como curioso, para, no ano seguinte, regressar já como profissional, em trabalho de reportagem. Uma década e meia e milhares de fotos depois, sente que, daquela primeira vez, tinha vindo às es-

curas fixar a luz de Fátima.

“Na realidade, não tinha ideia do que era o Santuário, porque não tinha maturidade suficiente para compreender esta realidade. Vinha já com a ideia de uma foto trivial, mas, assim que cheguei, percebi logo que havia aqui algo de diferente”, começa aqui algo de diferente”, começa aqui a admitir.

O passar dos anos abriu a lente a novos propósitos, feitos projetos pessoais. Hoje, não é a “fotografia fácil do peregrino em sofrimento” que procura, de cada vez que vem à Cova da Iria, mas “outros temas e abordagens”; apelida-os de “micro-projetos” e, num deles, tenta retratar um sinal dos tempos que mais o surpreendeu em Fátima: a presença crescente da tecnologia nas celebrações.

“Comecei a perceber que o ambiente estava a mudar quando deixei de ver tantas velas para passar a ver muitos telemóveis e máquinas fotográficas no ar. Isso prendeu-me a atenção e, agora, quando regresso, procuro sempre documentar esta realidade”, conta.

É esta procura constante da novidade que o faz regressar a Fátima, num esforço de retratar a realidade através dos pormenores que escapam no aparato dos rituais.

“Se nós procurarmos, há sempre coisas novas. Sempre! No meu trabalho, além das fotos habituais das grandes celebrações, procuro, a cada visita, algo novo, que dignifique a pessoa, o espaço e toda a envolvimento de fé”. Um dos trabalhos que espelha esta procura da novidade foi concretizado durante o primeiro confinamento da pandemia de COVID-19, descreve o fotojornalista.

“Fui ao meu arquivo fotográfico buscar pontos das peregrinações que habitualmente congregavam muitas pessoas e que, naquele período, estavam vazios. Fotografei-os assim, sem ninguém, mas com uma fotografia impressa, do mesmo dia, mas de um outro ano, enquadrada, a mostrar as multidões de peregrinos. Foi um trabalho que me deu muito prazer”.



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Iniciou-se na fotografia com dez anos. Licenciado em medicina, realizou-se profissionalmente como fotojornalista, tendo colaborado com publicações nacionais e internacionais. Publicou fotografias na *Time*, *Libération*, *Focus* alemã. Em 1996, foi galardoado com o Grande Prémio Gazeta. É fotojornalista do *Expresso*.

RUI MIGUEL PEDROSA

Fotógrafo independente desde 2008, publicou nos mais destacados jornais e revistas nacionais e internacionais. Em 2017, a convite do Santuário de Fátima, foi fotógrafo oficial da visita do Papa Francisco ao Santuário, no âmbito do Centenário das Aparições de Fátima.



Sacos de plástico, depois os coletes refletores, “mas há algo que não muda”

António Pedro Ferreira veio a Fátima quase três décadas antes de Rui Pedrosa, mas também se estreou como amador. Foi em 1979. Muniu-se de duas dezenas de rolos, que adquiriu com dinheiro que amealhou, e fez-se ao caminho, com um farnel preparado pela mãe e a companhia de um amigo, que tinha carta de condução. “Na altura, a fotografia era mais cara”, mas o amor pela arte e a curiosidade fizeram-no contornar as dificuldades e conduziram-no até Fátima. Dessa primeira vez que veio à Cova da Iria, guarda na memória o “concentrado do Portugal mais antigo” que aqui encontrou.

“Era uma população maioritariamente rural. Para quem vivia em Lisboa, aquela realidade era uma viagem no tempo e um banho de realidade de um país que, apesar do 25 de Abril, continuava muito ligado à sua fé e costumes”, diz o fotógrafo, que reconhece em Fátima um “reflexo visual da transformação do país”.

“A única diferença entre as fotografias da década de 1950 e de 1970 é, curiosamente, a existência de sacos de plástico. Depois, ao longo dos anos, há uma diferença abismal entre as fotografias de Fátima das décadas de 1970 e 1980 e as fotografias deste século. Os rostos, as roupas, as marcas... Tudo mudou! E começam também a aparecer os coletes refletores”, atesta António Pedro, que, a par de toda esta mudança, identifica algo imutável.

“Apesar do lado cosmopolita e pagão, há uma coisa que não muda... Há uma aura de mistério que, além do profissional que sou, me convoca a meditar naquilo que é mais importante e a encontrar-me comigo mesmo, de uma maneira muito única, como que dizendo que, de facto, sem uma fé qualquer, não faz sentido. Ali, há uma concentração em nós e no mundo”, conclui António Pedro, que, no seu agnóstico declarado, perspetiva Deus como “uma consciência coletiva do Bem”.



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA
MAIO DE 2003

“Não é a minha foto preferida, mas é a que me toca mais. Foi tirada inusitadamente, junto às velas. Após a fotografia, agradei ao retratado e ele acenou com a cabeça, retribuindo o cumprimento. Passado uns meses, recebo uma carta de um senhor, que era professor em Moncorvo, a contar que o velhinho daquela foto era um seu vizinho, que guardava aquele retrato, na folha do jornal onde tinha sido publicado, emoldurado, em cima da lareira. Porque a fotografia já estava um pouco amarrotada, pedia-me se lhe podia enviar, para ele a oferecer ao vizinho. Eu ofereci-lha com enorme prazer, assinada e tudo.”

Um lugar que toca quem o retrata

O ponto alto da vida profissional de Rui Pedrosa está ligado à história recente do Santuário. Em 2016, foi convidado a assumir as funções de fotógrafo oficial das celebrações do Centenário das Aparições, em parceria com o fotógrafo do Santuário de Fátima, Luís Oliveira, que retrata a realidade da Cova da Iria há mais de 25 anos.

“Fiquei logo maravilhado com a ideia e esforcei-me por fazer o meu melhor. Quero acreditar que esse contributo possa ser um registo que fique para a História”, diz, orgulhoso por ter feito parte de tão importante efeméride que, em maio de 2017, trouxe à Cova da Iria o Papa Francisco, para canonizar Francisco e Jacinta Marto.

“Poder estar tão próximo do Papa foi único”, recorda o fotógrafo, que se sentiu um privilegiado por ter fotografado de perto uma figura tão carismática. “Quando ele me cumprimentou, eu não me senti mais um. Ele olhou para mim e falou comigo, com atenção”, lembra.

Foi por esses dias que tirou as fotografias que mais o tocaram. Numa delas conseguiu enquadrar um aceno expressivo entre o Santo Padre e Lucas Maeda, o menino miraculado pelos Pastorinhos, que fez avançar o processo de canonização [ver foto pág. 3]. Numa outra, retrata o momento em que um dos peregrinos consegue alcançar a lápide do túmulo de Francisco Marto, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

“Por aqueles dias, os túmulos dos Pastorinhos eram muito visi-

tados e todos os peregrinos queriam tocar aquele espaço, mas sem sucesso. No meio de todo este esforço, há uma mão que finalmente consegue alcançar o túmulo do Francisco, e eu estava lá para fotografar o momento. A perseverança do peregrino tocou-me profundamente”.

“É impossível vir a Fátima apenas como profissional”

A realidade de Fátima não passa indiferente ao olhar documental dos profissionais da fotografia. Rui Miguel Pedrosa não esconde o entusiasmo que sente de cada vez que vem retratar os ambientes da Cova da Iria.

“Fosse mais perto e estava aí todos os dias. Quero registar o máximo possível deste lugar,

até porque, um dia, gostava muito de ter um livro de fotografia sobre este tema que me é tão especial”.

Enquanto esse dia não chega, Rui Pedrosa vai empreendendo os seus “microprojetos”. A par da demanda em fotografar a presença da tecnologia nas celebrações de Fátima, nos últimos cinco anos tem-se dedicado também a fotografar tatuagens religiosas que considera serem uma expressão particular crescente de devoção pessoal dos peregrinos.

Nos muitos regressos à Cova da Iria, acalenta a esperança de um dia conseguir a fotografia de Fátima que ainda ninguém tirou, confessa.

“Se algum dia voltar a haver um milagre ou uma aparição, eu quero estar aí para fotografar”.

António Pedro Ferreira, por seu lado, estica o campo das expectativas para a hipótese imaginária de poder viajar, de câmara ao punho, até à Cova da Iria do dia 13 de outubro de 1917, para poder também retratar o ambiente que ficou fixado na História pela lente de Judah Bento Ruah.

Apesar de não ter fotografado os primórdios de Fátima, António Pedro retratou mais de quatro décadas da sua história. Este longo período podia capturar a visão do fotógrafo para a repetição dos ritos e das celebrações, para se focar no retrato comum de um lugar com mais de um século de existência; no entanto, a rotina não lhe saturou o olhar e nunca se cansou de vir à Cova da Iria.

“Muitas vezes, quando venho em reportagem, a primeira sensação que tenho é a de que ‘isto já está feito’, mas, de repente, aparece uma coisa de que não estava à espera: uma abordagem nova, um gesto novo, um novo pormenor...”, revela, ao dar a conhecer o espanto com que, da última vez que esteve no Santuário, se deixou fascinar pela forma como as construções de pedra permitem enquadrar as pessoas no espaço.

Aquilo que vai encontrando em Fátima “vai muito além do trabalho”, admite o fotógrafo, que se “refugia no trabalho e se força a concentrar nas imagens, para não se concentrar naquilo que lhe é difícil”, até porque, admite, “é impossível vir a Fátima apenas como profissional”.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

**Padre
Joaquim Ganhão**

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

“A oração é o gemido da alma que Deus gera em nós, e a melhor forma de entrarmos na oração em Fátima é entrar no movimento orante que aqui se gera, entrar no respiro diário do Santuário que convida a este encontro com Deus e que no Santuário se traduz numa dimensão eucarística permanente. Se é possível ensinar alguém, é neste convite a participar nas celebrações”



“Na vivência do Jubileu somos convidados a rezar e a oração é um estímulo para o caminho”

O diretor do Departamento de Liturgia do Santuário de Fátima, padre Joaquim Ganhão, é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI, disponível na íntegra em www.fatima.pt/podcast, no Spotify e no iTunes.

Carmo Rodeia

O Santuário de Fátima é comumente aceite como uma “escola de oração”, e quem aqui vem sabe exatamente como Nossa Senhora lhe abre o seu coração e conduz as suas preces até Deus. Por isso, as orações de Fátima — as ensinadas pelo Anjo, as partilhadas por Nossa Senhora aos três Pastorinhos ou aquelas que resultam da intimidade que eles próprios estabeleceram com Deus — “dizem-nos a profundidade do coração onde Deus tem lugar, isto é, no coração de cada peregrino há uma abertura para o grito até ao coração de Deus, e isso é o mais belo deste lugar e é feito através da mediação de Nossa Senhora, num caminho ao encontro de Deus, do sentido e da ânsia do desejo de encontro com Ele”, afirma o padre Joaquim Ganhão, liturgista e capelão do Santuário de Fátima com responsabilidades na direção do Departamento de Liturgia: “Aqui, em Fátima, nós tocamos a oração nos seus vários rostos, modos de expressar e de acontecer neste silêncio onde o coração tem espaço”, prossegue no *podcast* #fatimanoseculoXXI.

“Nossa Senhora oferece-nos o seu coração como o lugar onde cabem todas as súplicas, mas o Santuário, sendo lugar de oração, é lugar do segredo de todos e lugar de muita história do sofrimento e da alegria de muita gente”, acrescenta.

“A multidão, que impressiona e é icónica em Fátima, é muito interessante, mas fixar no rosto de cada um aquilo que é a ação de Deus, diria como o evangelista, não haveria páginas que pudessem conter todas as histórias de vida e de fé que aqui acontecem”, esclarece.

“O Santuário é o lugar de todos, e, de facto, neste lugar onde todos entram, cada um com a sua história, rosto e vida tem aqui um espaço onde tudo isto é acolhido num grande coração materno que nos leva sempre ao coração de Deus”, afirma ainda ao sublinhar o papel do Santuário como lugar de oração permanente.

“O Santuário como lugar de oração e acolhimento de todos os que aqui vêm é lugar de todos, em ambiente de silêncio, onde no bulício do mundo as pessoas têm um oásis de silêncio e de

paz: nas celebrações que são centrais; na celebração do rosário e do espírito da Mensagem de Fátima, nas procissões de luz”, exemplifica.

“Perceber como um crente de vela acesa consegue expressar a força da sua oração e da sua fé é extraordinário”, diz ainda lembrando uma outra dimensão do papel da oração: iluminar o caminho.

“Na vivência do Jubileu, somos convidados a rezar, e a oração é um estímulo para o caminho; nós somos um povo em caminho e o Santuário de Fátima, sendo este lugar de peregrinação, também nos pode ensinar a importância desta luz que é a oração”.

O sacerdote, que pertence à diocese de Santarém e que está no Santuário desde o Centenário das Aparições, altura em que coordenou a equipa de Liturgia que acolheu as celebrações principais da visita do Papa Francisco, a 12 e 13 de maio de 2017, lembra, a propósito da oração, o ensinamento de Santa Teresa de Jesus, em que a religiosa dizia que rezar é falar com alguém que muito nos ama e nos ouve sobre as coisas que muito nos interessam. “A oração é este diálogo: primeiro a consciência de que Deus muito nos ama e depois o olhar muito responsável sobre a vida; há muitas coisas que muito nos interessam, que integram a nossa vida e que não conseguimos resolver sozinhos. Aqui entra o terceiro elemento da oração que é a confiança: saber em quem confio e saber para onde vou; o caminho da conversão, a metanoia do Evangelho, leva-nos à descoberta do verdadeiro e autêntico caminho de Deus”.

“Se não formos capazes de falar do nosso Cristo — que é o Senhor das nossas vidas, que nos vai moldando e aturando no nosso realismo, naquelas horas fantasticamente felizes, mas também terrivelmente angustiantes —, se não formos capazes de falar deste nosso Cristo, dificilmente seremos capazes de Lhe pertencer, não somos dele; conhecemo-Lo mas não somos dele, não Lhe pertencemos”, conclui.

“A oração leva-nos a esta intimidade, a esta relação íntima que transfigura a nossa vida e nos configura com Ele. Não é a busca da nossa autossat

isficação, o desenrolar de uma série de jaculatórias muito simpáticas que não nos ferem o coração e não nos tocam a alma. Não podemos rezar para preencher horário; rezamos para estabelecer relação e para entrar em relação e deixar que a nossa vida se transfigure e transforme”, afirma sublinhando que é por isso que a Eucaristia “é fonte e cume de toda a oração e de toda a vida cristã”. “É aí que podemos fazer a experiência mais forte e profunda desta entrega de si mesmo, que não é uma entrega solitária, mas uma entrega nossa e daquele que morreu na cruz por nós”, sintetiza o padre Joaquim Ganhão, que, neste *podcast* do mês de março, nos deixa, ainda, pistas sobre a relação entre a oração e os mais novos: como os podemos ensinar a rezar. “Lembro-me de ter aprendido a rezar entre o meu pai e a minha mãe, que me segredavam ao ouvido palavras que não sabia dizer, e quando me cruzo com essas palavras hoje comovo-me! Esta preocupação de quem educa de insistir quando nem tudo é claro, quando não percebemos tudo é muito importante”.

“O tempo pode levar à descoberta da oração, de Jesus, de Deus, de Nossa Senhora. Hoje, as crianças se tiverem uma aplicação com os bonequinhos que gostam, a mensagem entrará. No contexto da família há que investir, e vejo nalguns casos que têm os seus frutos, não em longas vigílias, mas em pequenos momentos que toquem. É preciso que as famílias encontrem esses momentos”, afirma o sacerdote, que reconhece que o ruído do mundo e o frenesim em que vivemos pode afastar-nos da oração: “Num mundo ruidoso, viver em Deus é a melhor maneira de nos aproximarmos do mundo, mas facilmente corremos o risco de nos deixarmos tomar por esse frenesim, como por exemplo a atenção exagerada que damos às redes sociais”.

“Há muito a fazer em termos de conversão, capacidade de vencer o ruído e de entrar neste essencial, mas para isso é preciso um ato de coragem: calarmo-nos para que se possa ouvir a Deus e até nos possamos ouvir a nós próprios. A oração não é um diálogo consigo próprio; é perscrutar o que Deus nos diz e, nesse silêncio, ouvirmos o que nos diz”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Cardeal D. António Marto

D. António Marto foi o primeiro bispo de Leiria-Fátima a receber a nomeação cardinalícia, título que o próprio entendeu como reconhecimento do Papa da ligação entre Fátima e o Sucessor de Pedro.

Diogo Carvalho Alves

A 20 de maio de 2018, na reação à sua nomeação como cardeal, D. António Marto perspetivava-a também na ligação entre a cátedra de Pedro e as igrejas particulares, em concreto com a diocese de Leiria-Fátima.

“A celebração do Centenário, que o Papa experimentou ao vivo, percebendo o que significa Fátima para a Igreja e para o mundo, há de ter contribuído para esta nomeação, naturalmente”, assumia então o prelado, que viria a ser feito cardeal no consistório de 29 de junho do mesmo ano.

À frente da diocese de Leiria-Fátima desde junho de 2006, manteve sempre uma ligação estreita e especial com Fátima, onde foi anfitrião do Sucessor de Pedro por duas ocasiões: na visita de Bento XVI, em maio de 2010; e, sete anos depois, na celebração do Centenário das Aparições, ao receber o Papa Francisco, com quem concelebrou a Missa de canonização dos santos Francisco e Jacinta Marto, momento que assumiu como o “mais pleno e marcante” do seu ministério.

António Augusto dos Santos Marto nasceu a 5 de maio de 1947, em Tronco, no concelho de Chaves. Após a formação nos seminários de Vila Real e do Porto, foi ordenado sacerdote a 7 de novembro de 1971, em Roma, onde se especializou em



Teologia Sistemática, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Com a tese “Esperança cristã e futuro do homem. Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II” concluiu o doutoramento, em 1977.

No período que se seguiu, formou candidatos ao sacerdócio no Seminário Maior do Porto,

exercendo também a atividade de docente em diversas instituições, onde integrou comissões científicas e de direção.

Na nomeação como bispo, a 10 de novembro de 2000, assumiu como lema episcopal “Servidores da vossa alegria”. Foi bispo auxiliar de Braga de 2001 a 2004, e bispo de Viseu desde então até 22 de abril de 2006, quando foi nomeado para Leiria-Fátima, diocese onde entrou a 25 de junho de 2006.

Foi vice-presidente e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e assumiu funções na presidência da Comissão Episcopal para o Ecumenismo e a Doutrina da Fé, e como delegado da Conferência Episcopal na Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia.

Passou a bispo-emérito de Leiria-Fátima em março de 2022, com a sucessão de D. José Ornelas. Na mensagem de despedida, dava graças pelo “título mais honroso: o de bispo emérito de Leiria-Fátima”, e confidenciava levar consigo, “gravada na retina da alma e do coração, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, querida e terna Mãe, e dos santos Pastorinhos”, de quem assumia ter “recebido tanta ternura e tantas graças”.

Em fevereiro de 2023, o Papa Francisco nomeou-o membro do Dicasterio para as Causas dos Santos.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 2210-TEX.II.146, 5196-TEX.II.727 a 5201-TEX.II.732 e 5203-TEX.II.735 a 5208-TEX.II.739

Scuola Italiana Alberto Assirelli, 1963

Matéria têxtil bordada a fio de ouro, de prata e de seda



Paramentos da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Resultante de uma encomenda do Santuário de Fátima, o paramento executado pela reputada Scuola Italiana Alberto Assirelli sob desenho de Carlo Pelliccia foi concebido, em 1963, para a celebração de missa pontifical, compondo-se de pluvial, casula, duas dalmáticas, três estolas e manipulos, véu de ombros, de cálice e bolsa de corporal.

Os seus elementos, de cor branca, possuem remates de franjas douradas, sendo ornados por cruzes gregas, asas e estrelas, bordados a fio de ouro e prata. O cuidadoso trabalho de bordado a fio metálico usado na referida oficina evidencia-se nas peças de maiores dimensões, tais como a casula. Os sebastos desta, preenchidos a fio de ouro, apresentam seis pombas bordadas, as quais enquadram, nas costas, o tintinábulo da Basílica de Nossa Senhora do Rosário e um medalhão circular com a figuração da Estrela do Mar, e, na frente, a referência à Rosa Mística, tudo maioritariamente executado em fios metálicos e usando de efeitos de luz-sombra. Completa o programa iconográfico que enfatiza a Mensagem de Fátima, sobretudo evidente nas pombas da paz que sublinham este traço fatimista, o próprio monograma do Santuário da Cova da Iria, plasmado nas dalmáticas.

Museu do Santuário de Fátima

Congregações e institutos religiosos inspirados em Fátima

Entre os sinais de vitalidade que emanam do fenómeno de Fátima está o facto de ter dado origem a congregações religiosas e a institutos de vida consagrada que nascem a partir da consciência de que os respetivos carismas assentam na identidade específica da Mensagem de Fátima ou, também decisivo, que historicamente se encontram relacionados com a Cova da Iria.

Assim aconteceu de uma forma muito precoce — e ainda muito antes de Fátima ter obtido a chancela eclesiástica — logo em 1923 com a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima e, três anos depois, com a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima.

O elevado número de congregações e institutos de vida religiosa, assim como a sua localização geográfica à imagem da globalização do fenómeno de Fátima, dificultam a sua cabal identificação, sobretudo porquanto algumas destas congregações possam estar ainda na esfera diocesana e nem todas sejam já de direito pontifício.

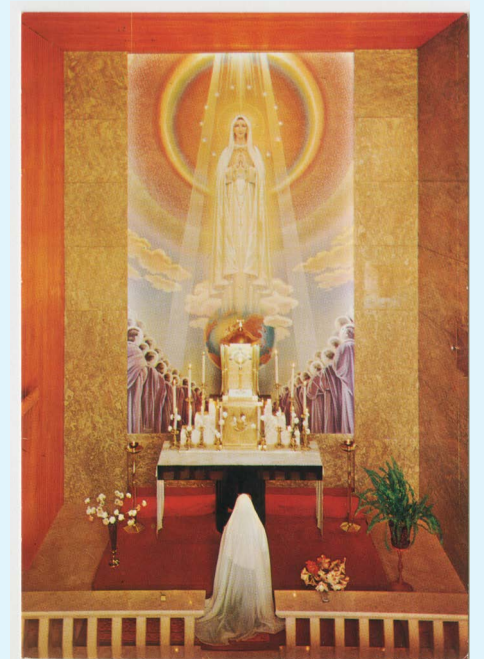
Dos vários exemplos que podem ser mencionados relativos às mulheres (a maioria são congregações femininas) e aos homens que seguem uma Regra de vida inspirada em Fátima, elencam-se alguns: na Europa, Aliança de Santa Maria (Portugal, 1966), Oblatas de Maria Virgem de Fátima (Itália, 1978), Servos do Coração Imaculado de Maria (Itália, 1991), Servas do Coração Imaculado

de Maria (Itália, 1996): em África, Filhas de Nossa Senhora de Fátima (Uganda, 1952), Irmãs de Nossa Senhora de Fátima (Nigéria, 1964), Irmãs Missionárias de Nossa Senhora de Fátima (Madagáscar, 1976); na Ásia, Irmãs de Nossa Senhora de Fátima (Índia, congregação fundada em 1893 que em 1951 adotou a designação fatimista), Filhas Penitentes de Nossa Senhora de Fátima (Filipinas, 1959); na América, Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (Porto Rico, 1949), Irmãs Missionárias de Nossa Senhora de Fátima (Brasil, 1964), Apóstolos do Imaculado Coração e Divina Misericórdia (México, 2012) e Discípulos do Imaculado Coração e Divina Misericórdia (México, 2012).

A Mensagem de Fátima penetrou ainda de forma significativa noutras congregações cujo carisma não está especificamente vinculado à Cova da Iria, mas cuja espiritualidade é também desenvolvida a partir da Mensagem deste lugar. São disto exemplo o Instituto do Sagrado Coração de Maria, fundado em 1849, e as Missionárias da Caridade, fundadas em 1946, por Teresa de Calcutá.

Comprova-se de forma muito clara que o fenómeno de Fátima, a partir dos traços semânticos que o caracterizam (designadamente a oração e a reparação no mundo contemporâneo) e que inspiraram os fundadores de diferentes formas de vida religiosa, muito contribuiu para o movimento congregacionista do Catolicismo contemporâneo.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

No final do terço, a criança que eu era levantava-se a custo para o *salve-regina*. À força de me fingir adormecido, acabava sempre por me embalar no sofá em sono profundo com a cadência arrastada das *ave-marias*. Mas o *salve-regina* rezava-se de pé, uma espécie de última oportunidade para os adormecidos entregarem ainda o seu vale de lágrimas ao olhar terno (e muito paciente) de Deus. Depois, o ritual impunha que se pedisse a bênção aos pais. Os filhos alinhavam-se para o pedido, mesmo o mais novo, a tropeçar no sono e a esfregar os olhos para disfarçar a astúcia. Uma ou outra vez, os meus olhos adormecidos ainda temeram um ralhete pela manha sonífera. Mas invariavelmente era o gesto sacramental da

A bênção

mão calejada do pai e da mãe a tocar-me a cabeça e o beijo a balbuciar: “Deus te abençoe, meu filho”. A bênção sabia a carinho e a conforto, imperturbados pelas minhas dinâmicas de recosto da alma ao sofá.

Este recuo saudoso à minha bênção diária faz-me pensar na vocação de Abraão. Quando Deus chama Abraão a deixar a casa paterna para ir para uma outra terra ainda por imaginar, o seu chamamento é selado com a promessa de uma bênção que é obra de Deus: “Farei de ti uma grande nação e abençoar-te-ei. Engrandecei o teu nome” (Gn 12,2). É o que Deus fará por Abraão que justificará a sua saída da sua terra para caminhar em direção a uma terra que não conhece, em nome de um desafio que não consegue realmente compreender. É o futuro da promessa de Deus que justifica o presente do compromisso de Abraão. Mais ainda, a promessa de Deus torna-se imperativa: “Sê uma bênção” (Gn 12,2). Esta formulação da bênção no

imperativo é tão surpreendente que as traduções abandonam frequentemente o sentido do mandamento na frase. De facto, se a bênção é, antes de mais, uma promessa de Deus, como podemos ser fiéis ao imperativo de ser uma bênção? O imperativo é paradoxal, e o paradoxo deve ser mantido. A promessa de bênção torna-se uma ética de bênção. O imperativo “sê uma bênção” ecoa o indicativo “abençoar-te-ei” do início do versículo. Uma vez que Deus abençoa Abraão, Abraão deve ser uma bênção.

Creio que os meus pais diziam à criança adormecida que eu era que, independentemente das minhas manhas e estratégias, a bênção de Deus não era questão de consentimento ou aprovação, mas profecia e provocação a uma vida frutífera em função dos demais.

Vem tudo isto a propósito (ou a despropósito) do intenso debate em torno do documento *Fiducia Supplicans*, do Dicastério para a Doutrina da Fé, sobre o significado pastoral

Pedro Valinho Gomes é investigador e docente nas áreas da Teologia e da Filosofia

Foto © Elina Fairytale PEXELS



da bênção. A referência, no documento, à possibilidade de uma bênção de casais em situação irregular (que estranha expressão!) ou do mesmo sexo fez correr tinta aos mais inquietos pela rubrica moral. É estranho — é sobretudo desolador — que a sugestão de abençoar seja motivo de discórdia. Muito além dos debates morais (que importa ter, sem barricadas e em discernimento sinodal), abençoar é o que nós fazemos. É pelo menos o que somos chamados a fazer desde os tempos do nosso pai na fé. É dar carinho e conforto independentemente das dinâmicas complexas da vida e oferecer a responsabilidade de um convite a que os abençoados se façam bênção no mundo. Como se negaria uma bênção?

Que a bênção é algo de mais definitivo do que qualquer debate moral é o que a criança ensinada e com manhas para fugir ao terço que eu fui aprendeu na fila para a bênção dos pais.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Caminhamos no momento presente da História entre os cumes e consequências daquilo que Gilles Lypovetsky descrevera na década de 1980 por “tempos hipermodernos”. Hoje, eles correspondem à sociedade da hiperinformação, da hipercomunicação, do hiperconsumo, da hipercultura, hipertecnológica, transformada em “sociedade líquida” (Zygmunt Bauman), “sociedade da transparência”, do “cansaço” e da “expulsão do outro”, “sem ritos” (Byung Chul Han) e sem Deus. Os mecanismos da “sociedade do espetáculo”, segundo Guy Debord, e da cultura do “simulacro e da simulação”, segundo Jean Baudrillard, já não nos são estranhos. Adão já não sabe bem onde está e quem é no meio do complexo enredo de camadas

Interioridade, como “pão para a boca”

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

de folhas que teceu à sua volta. Discursos, aparências aparatadas, ideologias e promessas já não nos soam a novidade nem a salvação. Talvez mais do que outro tempo da História, este em que vivemos — porque muito complexo — urge por interioridade, isto é, pela capacidade de ver e de viver a partir de dentro, para além da torrente vertiginosa que se move à superfície, e para a qual somos constantemente empurrados.

Para a transformação do mundo é necessária uma sabedoria que exceda o simples conhecimento. Ela é interior; nutre-se e cresce a partir da comunhão com a Trindade. É nesse lugar, em Deus, que é possível a cada um escutar-se a si próprio, avaliar tudo o que se conhece e escutar o pulsar do coração de cada irmão e irmã, da criação e da História.

Como haveremos de discernir, separar, aclarar e decidir sobre o excesso que nos açambarca se não cultivamos dentro de nós um espaço e um olhar límpidos?

E como havemos de escutar a voz de Deus que fala no santuário íntimo da nossa consciência, se nunca paramos para lhe dar ouvidos e não cuidamos de uma escuta humilde e despojada? E como havemos de ser humildes e límpidos se não consentimos em nos deixarmos transformar?

Mais do que técnica, eficácia e permanente comunicação, precisamos de interioridade como “pão para a boca”. Urge uma humilde “parede branca” onde “assentar a poeira”, refletir o essencial e que deixe transparecer a presença de Deus. Aquele que efetivamente pode salvar. O futuro dependerá dessa sabedoria, da nossa capacidade de cultivar a vida interior, tantas vezes em contracorrente à velocidade e à pressa contemporâneas.

Aguarda-se a emergência de uma nova etapa de maturidade da consciência humana que, superando tanto uma visão mítica do mundo como a obsessão técnico-eficientista do modernismo, permita a cada pessoa permanecer atenta ao mistério,



para ser instrumento do Reino em potência.

A Páscoa aconteceu do interior para o exterior, a partir de dentro do sepulcro, expandindo-se até

aos confins da terra, e transformando tudo e todos à sua passagem. Só a Páscoa de Cristo nos pode ensinar a sabedoria da vida nova. Nela radica o futuro.

Livro de Honra do Santuário de Fátima

D. Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977)

Livro de Honra n.º 1 (1945-1985), fl. 36.

TRANSCRIÇÃO

13 de Maio de 1971

Aqui, neste lugar de graças que Nossa Senhora escolheu, foi publicada, perante a multidão incontável dos peregrinos, a notícia de que o Santo Padre aceitava a minha resignação de Patriarca de Lisboa. É pensamento que alegrará todo o resto da minha vida, êste: — que recebi das Mãos de Nossa Senhora de Fátima a resignação.

+ M.[manuel] Card.[eal] Patriarca

CONTEXTUALIZAÇÃO

Nomeado Patriarca de Lisboa aos 40 anos, em 18 de novembro de 1929, e elevado a Cardeal em 16 de dezembro do mesmo ano, D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi a figura mais destacada da hierarquia da Igreja em Portugal ao longo do

período da ditadura, razão pela qual a sua memória se mostra, ainda hoje, controversa.

Presença assídua em Fátima — conforme testemunham o acervo fotográfico do Arquivo do Santuário de Fátima e as páginas do jornal *Voz da Fátima* —, seria igualmente aqui que, perante uma multidão calculada em cerca de meio milhão de peregrinos, em 13 de maio de 1971, D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, anunciaria que o Papa Paulo VI aceitara o pedido de resignação do Patriarca de Lisboa — então com 82 anos — e nomeara D. António Ribeiro para o substituir. A decisão anunciada nesse dia terá sido chancelada oficialmente três dias antes, justificando o lugar de destaque dado a D. Manuel — que participou na celebração junto ao andor de Nossa Senhora — naquele que foi o último ato público em que tomou parte na qualidade de Patriarca de Lisboa.

Arquivo do Santuário de Fátima

13 de Maio de 1971.

Aqui, neste lugar de graças que Nossa Senhora escolheu, foi publicada, perante a multidão incontável dos peregrinos, a notícia de que o Santo Padre aceitava a minha resignação de Patriarca de Lisboa. É pensamento que alegrará todo o resto da minha vida, êste: — que recebi das Mãos de Nossa Senhora de Fátima a resignação.

+ M. Card. Patriarca

HÁ 100 ANOS ACONTECEU...

Edição de 13 de abril de 1924

Em abril de 1924, a edição do jornal *Voz da Fátima* dava conta da realização em Braga, de 2 a 6 de julho, do primeiro Congresso Eucarístico Nacional: “Tudo indica que terá um brilho excepcional e que ficará marcando uma época de revivescência religiosa e de amor para com Nosso Senhor, na Santa Eucaristia, de harmonia com as tradições do Nosso Portugal tão devoto ao Santíssimo Sacramento”, página 3 do jornal *Voz da Fátima*, edição n.º 19, abril de 1924.

A realização do primeiro Congresso Eucarístico mereceu uma nota brevíssima do jornal *Voz da Fátima*, e embora tenha sido o primeiro congresso português, com a relevância própria do tema, a verdade é que o jornal não regista em qualquer edição do ano alguma outra referência ao tema, em concreto, embora

se aborde a devoção ao Santíssimo Sacramento, nomeadamente durante as peregrinações mensais.

Cem anos depois, neste espaço, a *Voz da Fátima* volta a dar eco da realização do V Congresso Eucarístico Nacional, que tem como tema “Partilhar o Pão, alimentar a Esperança. Reconheceram-n’O ao partir o Pão”, que decorrerá em Braga, de 31 de maio a 2 de junho.

O programa de três dias começa com a conferência inaugural do presidente do Pontifício Comité para os Congressos Eucarísticos Internacionais, padre Corrado Maggioni, que refletirá sobre “Partilhar o pão: Eucaristia e fraternidade”. Na tarde do dia 31 de maio realiza-se um painel com diversos testemunhos de movimentos eucarísticos: Apostolado da Oração, Confraria do Santíssimo Sacramento e Reparado-

VOZ DA FÁTIMA

Congresso Eucarístico

Deve realizar-se em Braga nos dias 2, 3, 4, 5, e 6 de Julho, o primeiro Congresso Eucarístico Nacional. Tudo indica que terá um brilho excepcional e que ficará marcando uma época de revivescência religiosa e de amor para com Nosso Senhor, na Santa Eucaristia, de harmonia com as tradições do nosso Portugal tão devoto do Santíssimo Sacramento.

ras de Nossa Senhora de Fátima. A segunda conferência do primeiro dia de trabalhos co-

meça às 17h00 e será proferida pela irmã Luísa Almendra, com o tema “Reconheceram-

-n’O ao partir o Pão (Lc 24, 35)”. No segundo dia do Congresso, 1 de junho, haverá uma terceira conferência, da parte da manhã, intitulada “Alimentar a Esperança” e que será proferida pelo padre Carlos Carneiro. A partir das 15h00 realizam-se sete *workshops* sobre temas variados: Hospitalidade; Jovens (JMJ e Eucaristia); Família; Pobres; Ecologia; Espiritualidade Eucarística e Confrarias do Santíssimo Sacramento. No último dia, 2 de junho, a partir das 7h00, os participantes são convidados a fazerem-se peregrinos e a partirem a pé até ao Sameiro, onde decorrerá a Eucaristia de encerramento do V Congresso Eucarístico Nacional. Nesse local, vão ser lidas as conclusões do Encontro e a celebração será presidida pelo cardeal delegado pontifício ao Congresso.

“Se cada um procura o seu próprio benefício, as guerras vão continuar”

O cardeal Jean-Claude Hollerich, arcebispo do Luxemburgo, esteve em Fátima. Em declarações ao Gabinete de Comunicação do Santuário, considerou que “para entrar nos novos tempos que estão a surgir, a Igreja deve reformar-se”.

Cátia Filipe

O cardeal Jean-Claude Hollerich, Arcebispo do Luxemburgo, presidente da Comissão das Conferências Episcopais da União Europeia (COMECE) e relator-geral da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, esteve em Fátima para orientar o retiro da Quaresma dos bispos portugueses.

Em declarações ao Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima, o prelado, questionado acerca das guerras e consequentes alterações de paradigma, considera que “todo o cristão deve ser um embaixador da paz, porque as guerras matam, as guerras magoam, as guerras destroem, e, sobretudo, o que é condenável é quando se dá às guerras uma justificação religiosa”.

O arcebispo do Luxemburgo afirma que enquanto cristãos

“estamos empenhados em alcançar a paz, e é neste contexto que o Papa fala de uma terceira guerra mundial aos pedaços, que está a acontecer”.

“Aqui em Fátima, Nossa Senhora falou da paz, da guerra, da

conversão”, através de uma mensagem “que continua a ser importante, porque, para fazer a paz, é preciso converter-se, e sem a conversão do coração, a paz não é possível”.

O cardeal Jean-Claude Hollerich deixou ainda o alerta, pois “se cada um procura o seu próprio benefício, as guerras vão continuar”.

A Mensagem de Fátima “é muito atual e, neste retiro dos bispos, passei pelo Santuário e rezei o terço, rezei pela paz, rezei pela paz no mundo”.

Relativamente ao Sínodo, o relator-geral da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos considera esta reunião “muito importante, porque estamos a entrar numa nova era para a humanidade”. “Numa era pós-moderna, com a inteligência artificial, haverá mudanças antropológicas muito, muito grandes”, acrescentou, afirmando ainda

que “precisamos da sinodalidade”. “É preciso

que todos os cristãos, todos os batizados, assumam a responsabilidade do Evangelho e participem plenamente na missão da Igreja”, lembrou, pois só assim “a mensagem cristã estará nos novos tempos, no limiar dos quais nos encontramos”.

Os preparativos estão em curso para a segunda sessão do Sínodo, e “é bonito ver toda a gente a participar, toda a gente verdadeiramente entusiasmada com a sinodalidade, ver muitos cristãos, muitos batizados, que anseiam por ela, pois estamos a trabalhar, somos, de certa forma, os servidores desta sinodalidade”.

O mundo atravessa uma conjuntura que desafia muitas das disposições vigentes, nomeadamente a Igreja, e o cardeal Jean-Claude Hollerich lembrou que apesar da Teologia e estruturas “que foram forjadas no passado, e que ainda hoje são importantes e que toda a gente preza, é evidente que, para entrar nos novos tempos que estão a surgir, a Igreja deve reformar-se”. E esta reforma da Igreja “deve também passar, mais uma vez, pela conversão pastoral e sinodal”.

“Creio que a primeira sessão do Sínodo, em outubro de 2023, mostrou o caminho, e não se trata de combater”, salvaguardou o arcebispo do Luxemburgo, que considera que “ao falarmos juntos, descobriremos, de facto, que o Espírito Santo nos está a guiar numa direção, para que algo de novo possa surgir no horizonte”.

Jean-Claude Hollerich, S.J., é o primeiro luxemburguês criado cardeal. O Papa Bento XVI nomeou-o arcebispo do Luxemburgo a 12 de julho de 2011.

Em 2013, presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, onde contou ter estado na Cova da Iria pela primeira vez em peregrinação, na década de 90, no âmbito da Pastoral das Vocações no Luxemburgo.

Em maio de 2021, esteve novamente em Fátima para presidir à celebração da Missa da XXV Peregrinação

Nacional dos Acólitos. Por esta ocasião, o prelado falou da concretização de uma vida santa: “ser chamado à santidade não significa tornar-se um extraterrestre, tornar-se menos humano. [...] A santidade começa com pequenos gestos. [...] Pequenos gestos de serviço nas nossas famílias, no nosso grupo de amigos são os primeiros passos para a santidade”.

Ainda em agosto desse ano, o arcebispo do Luxemburgo presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, onde criticou a inércia da política europeia para com os refugiados: “É inadmissível que as fronteiras exteriores da União Europeia sejam lugar de grandes assembleias de refugiados, onde as pessoas vivem em condições desumanas”, afirmou o cardeal luxemburguês, apontando o dedo para a escravatura laboral e sexual de que são vítimas estes refugiados.

Por esta ocasião, aceitou participar no podcast #fatimano-seculoXXI, onde falou da sua experiência com a Mensagem de Fátima: “Pessoalmente, sempre vivi Fátima como a abertura do Céu, uma luz, diria, num mundo das trevas. Creio que o nosso mundo precisa disto”, disse, acrescentando que Fátima remete para o essencial: “não acredito que possamos resolver todos os problemas deste mundo, mas se vivermos esta partilha, este amor, com as pessoas que nos rodeiam, o mundo mudará”.

“A Igreja tem uma grande responsabilidade no mundo. E, como Igreja, devemos caminhar juntos; o processo sinodal é isto e exige uma grande escuta. O caminho sinodal não é possível sem a escuta. A escuta pressupõe respeito pelo outro, reconhecer e aceitar as diferenças que existem, não querer forçar algo”, disse, em agosto de 2021, em Fátima.

Em agosto de 2023, o Cardeal Jean-Claude Hollerich viajou de autocarro até Portugal, para acompanhar as duas centenas de jovens provenientes do Luxemburgo, que participaram na Jornada Mundial da Juventude, Lisboa, 2023.



A construção do Santuário de Wiltz “foi providencial”

O arcebispado do Luxemburgo e a diocese de Leiria celebraram um acordo de gemação entre os santuários de Fátima e de Wiltz. A cerimónia ocorreu no dia 13 de maio de 1973, por ocasião dos 56 anos da primeira aparição em Fátima. Em 2023, volvidos 50 anos desta gemação, o cardeal Jean-Claude Hollerich considera o Santuário de Wiltz muito importante, pois representa a maior manifestação de fé no Luxemburgo.

“É o dia da Ascensão, em que cerca de 15 mil pessoas, sobretudo portugueses, mas também cabo-verdianos, brasileiros, guineenses, e também luxemburgueses, vão a Wiltz e participam na procissão, e celebramos a missa, que é um momento mui-

to comovente para todos os luxemburgueses”, explicou.

O prelado acrescentou que “a ideia deste santuário nasceu de luxemburgueses, durante a Segunda Guerra Mundial, antes da chegada dos portugueses ao Luxemburgo, e pode dizer-se que foi providencial”.

Em 11 de setembro de 1947, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima passou por Wiltz, no local onde o santuário viria a ser construído, relançando os planos de edificar um santuário mariano.

Este Santuário foi construído em 1951, fruto de uma promessa durante a Batalha das Ardenas. O santuário foi oficialmente inaugurado no dia 13 de julho de 1952.

“Surfistas do Amor” trouxe mais de 5.300 jovens a Fátima

D. Rui Valério, patriarca de Lisboa, acompanhou os jovens que caminharam até ao Santuário a partir de 11 locais diferentes.

Cátia Filipe



D. Rui Valério, patriarca de Lisboa, considera que a Mensagem de Fátima “é uma mensagem intemporal que pelo caráter, pela força e sobretudo pela espiritualidade que encerra é daquelas mensagens que o tempo não apaga e que o tempo não envelhece”.

O prelado esteve em Fátima, no dia 17 de fevereiro, no âmbito da iniciativa “Surfistas do Amor – Fátima, na onda do amor e da paz”, e em declarações aos jornalistas lembrou que “a mensagem fundamental é aquela de nos renovarmos interiormente pela oração, mas também pela peni-

tência e sobretudo pela comunhão com Nossa Senhora”.

“Hoje em dia, a sociedade fala muito de ternura e dos afetos, da importância dos sentimentos para a vida quotidiana e para a construção da existência, quando Fátima, há cem anos, já vem dizer que também ao nível da vida espiritual é pela afetividade e pela ternura, que são características de Nossa Senhora pelas quais nós seguimos Jesus Cristo”, disse D. Rui Valério, lembrando ainda que os jovens, “em particular os adolescentes, são incrivelmente sensíveis e desportos

para esta realidade”.

Os Secretariados da Catequese das Dioceses de Leiria-Fátima, Lisboa, Portalegre-Castelo Branco e Santarém promoveram uma peregrinação de adolescentes a Fátima, inspirada no Papa Francisco que, durante a sua visita a Portugal, em agosto do último ano, ao despedir-se dos voluntários da Jornada Mundial da Juventude, disse “Sede ‘surfistas do amor!’”.

Os participantes partiram em peregrinação de 11 locais diferentes, numa caminhada de 5 km, até ao Santuário de Fátima.



Ícone de São Francisco Marto percorre as ruas de Wiltz, durante a visita da Virgem Peregrina àquele Santuário, em 2019.

“Chamados ao Encontro’ — A Mensagem de Fátima: o papel evangelizador do coletor do Jornal Voz da Fátima”

“O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) é a família mensageira, é um Santuário. Vivemos tempos diferentes onde é urgente ‘ajesusar’, fazer à maneira de Jesus”.

Alice Ribeiro | Mensageira do MMF

Em outubro, na Circular 34/2023, o Secretariado Nacional do MMF lançou um desafio para toda a família mensageira: reavivar a essência do Evangelho, através da Mensagem de Fátima.

Fomos “Chamados ao Encontro” e um grupo significativo de mensageiros sentiu o chamamento e esteve presente nesse encontro, em Torres Vedras, na Diocese de Lisboa no dia 28 de janeiro 2024.

Foi maravilhoso! Não há explicação para as “coisas de Deus”. Elas acontecem. O tema foi abordado numa explanação simples, mas concisa e acertada, cada palavra caiu no coração de cada um de nós, “como o orvalho na erva ressequida”. Todos ficámos maravilhados!

Foi um dia inesquecível e com grande vontade para que se repita mais vezes, porque sentimos a necessidade do esclarecimento, da doutrina evangelizadora, a importância que cada um de



nós tem como evangelizadores da Mensagem de Fátima.

Uma das mensageiras presen-

tes desabafou com uma certa tristeza o seguinte: “Quando ia distribuir os jornais, pergunta-

vam-lhe sempre se agora também pertencia aos correios, para quê andar nessas coisas? E di-

ziam: Deixe-se disso; não tem mais nada para fazer? Ela ficava a pensar se não tinham mesmo razão na crítica que lhe faziam, embora não deixasse de cumprir a sua missão de distribuidora de jornais. Esse género de comentários entristecia-a e desanimava-a. Após ouvir as explicações da Ana Maria (responsável do Setor da Oração no Secretariado Nacional), sobre a importância do que é ser coletora e do seu papel de evangelizador, a nossa mensageira rejubilava de alegria e continuamente comentava: “Agora sei que quando estou a distribuir os jornais também estou a evangelizar”.

Este é um pequeno exemplo do quão importante foi para todos nós o encontro com este Santuário, que é a família mensageira, do Movimento da Mensagem de Fátima.

O nosso bem-haja e gratidão aos oradores, nas pessoas da Ana Maria e do padre Daniel Mendes.

Um milhão de rosas para Maria

O milhão de rosas que gostaríamos de oferecer, neste ano de 2024, a Maria serão como gotinhas de água que colocaremos no mar de Deus Pai, “o Senhor do Céu e da Terra”!

Madalena Antunes | Responsável Nacional das Comunidades de Vida do MMF

O Secretariado Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) propõe no seu plano pastoral que este ano seja realçada a dimensão da Espiritualidade. Cumprindo este desejo e tendo em atenção as indicações do Santo Padre, partindo da razão profunda e atual que é a recomendação que o Anjo de Portugal fez aos três Pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, na segunda Aparição em 1916, propomos passar à ação e dar especial atenção à frase “Orai! Orai muito!”

Em 1917, a Virgem Maria apareceu na Cova da Iria, “uma Senhora mais brilhante que o sol”, dizendo aos Pastorinhos que não tivessem medo, que vinha do Céu. E eles sentiram-se inundados pela Luz de Deus. Francisco afirmaria, mais tarde, “nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não

nos queimávamos!”.

A Senhora do Rosário (nome pelo qual se deu a conhecer em Portugal) voltou nos meses seguintes, e os três viram (contamos a Lúcia) que “à frente da palma da mão de Nossa Senhora estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da Humanidade, que pedia reparação”.

Em julho, Nossa Senhora disse-lhes simultaneamente com bondade e tristeza: “Deus quer estabelecer no Mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz.” E insistiu pela terceira vez: “Quero que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz no Mundo

e o fim da guerra, porque só Ela lhes pode valer.”

Também a pequenina Jacinta, ao despedir-se da prima Lúcia, antes de ir para o hospital em Lisboa, lhe recomendava: “Diz a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria; que lhas peçam a Ela; que o Coração de Jesus quer que, a Seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria; que peçam a paz ao Imaculado Coração de Maria, que Deus lha entregou a Ela”.

Assim, convidamos todos os Mensageiros a rezar um milhão de vezes “Ave Maria...” para colocarmos como oferta na Peregrinação Nacional do MMF, que se realizará nos dias 20 e 21 de julho, aos pés de Nossa Senhora. Esta oferta será entregue pelas mãos e coração das crianças, em nome de toda a família Men-



sageira, durante a saudação a Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições.

Como fazer? Durante o ano, em todos os grupos de oração e individualmente, colocaremos como intenção na recitação do nosso Rosário as intenções pela paz, em ato de reparação do Coração Imaculado de Maria e pelo Santo Padre. Durante o mês de junho, os grupos e as pessoas que aderirem a este desafio devem dar a conhecer ao Secretariado Nacional o número de rosas que foram oferecidas a Nossa Senhora.

Que Santa Jacinta a todos ajude a sentir no fundo do seu coração o que ela exclamava com tanta convicção: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro do peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!”

Comissão Coordenadora e guias preparam peregrinações de 2024

Comissão Coordenadora de Apoio aos Peregrinos a Pé reuniu-se a 31 de janeiro com diversas entidades, para apresentar o balanço de 2023 e os planos de ação para 2024.

Nélson Ferreira | Responsável Nacional da Pastoral das Peregrinações do MMF



O reitor do Santuário de Fátima apresentou o tema pastoral do ano: “Chamados ao Encontro”.

No dia 31 de janeiro, esteve reunida a Comissão Coordenadora de Apoio aos Peregrinos a Pé, com a presença das seguintes entidades: Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), Santuário de Fátima, Associação Caminhos de Fátima, Cruz Vermelha Portuguesa, Guarda Nacional Republicana, Associação Servitas de Nossa Senhora de Fátima, Câmara Municipal de Ourém e VOSTPortugal.

A reunião teve como objetivo a partilha e apresentação do balanço do ano de 2023 e do plano de ação de cada entidade parceira na assistência aos peregrinos para o ano de 2024. Todas as peregrinações anuais, entre maio e outubro, mas em particular as que envolvem maior fluxo de peregrinos, por norma maio, agosto e outubro, são avaliadas e preparadas em conjunto para proporcionar todo o apoio que os peregrinos necessitam ao longo do caminho até à chegada ao Santuário.

Do esforço conjunto entre as entidades parceiras resultou a programação e execução dos encontros de formação de guias de peregrinos que decorreram nos dias 17 e 24 de fevereiro, no Centro Pastoral de Paulo VI, no Santuário de Fátima. Estiveram presentes 200 guias vindos de 14 dioceses do país: Aveiro, Viana do Castelo,

Braga, Vila Real, Bragança-Miranda, Lamego, Porto, Coimbra, Viseu, Portalegre-Castelo Branco, Lisboa, Setúbal, Évora e Beja.

Os encontros de formação tiveram em consideração vários aspetos da peregrinação a pé, desde a programação e preparação prévia feita nas dioceses, passando pelo ato em si de caminhar sem descuidar a chegada — o antes, o durante, a chegada e o regresso — são dimensões que precisam de ser devidamente trabalhadas, para que a peregrinação seja uma verdadeira experiência de fé e de transformação.

Os encontros tiveram início com o acolhimento e oração da manhã orientados pelo padre Daniel Mendes, assistente nacional do MMF. Prosseguiram com a partilha do reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, que explicou o tema pastoral do ano, “Chamados ao Encontro”, convidando todos os guias a meditar e a vislumbrar a peregrinação como uma caminhada orante, marcada pelo encontro íntimo e interior com Deus. Todos os presentes foram desafiados a olhar o ato de peregrinar para a casa da mãe como um caminho ao encontro da Senhora mais brilhante que o Sol, que introduz cada peregrino nessa luz que é Deus.

Os momentos de formação continuaram com as intervenções, sempre pertinentes e úteis, das várias entidades que integram a Comissão Coordenadora de Apoio aos Peregrinos a Pé, desde a área da segurança, passando pela saúde, pelo digital, o acolhimento à chegada e a dimensão espiritual. Posteriormente, foram tiradas dúvidas relacionadas com a peregrinação.

Durante a tarde foi tempo de conhecer alguns espaços do Santuário, com visitas guiadas à Basílica da Santíssima Trindade, e à Casa das Candeias, da Fundação Francisco e Jacinta Marto. Concluímos com a celebração da Eucaristia na Capela da Morte de Jesus, no Santuário.

Foram dias muito ricos de encontro, partilha e diálogo. Agradecemos a todas as entidades parceiras: Santuário de Fátima, Ordem de Malta, Cruz Vermelha Portuguesa, Guarda Nacional Republicana, Associação Servitas de Nossa Senhora de Fátima e VOST Portugal, pelos momentos de formação que proporcionaram, e a todos os guias pela presença e pela nobre missão que desempenham.

Muito tem sido feito, mas muito ainda há para fazer e para melhorar. Contamos com a colaboração e a interajuda de todos

Como a Irmã Lúcia, chamados ao encontro

Encontro da Zona Centro, marcado para 17 de março, inclui uma homenagem a Frei Carlos Furtado.

Setor Juvenil do MMF

COMO IRMÃ LÚCIA

CHAMADOS AO ENCONTRO

PROGRAMA

- 10h - Acolhimento e Apresentação
- 11h - Tema: “Como Lúcia, chamados ao encontro”
- 12h - Almoço Partilhado
- 13h30 - Chamados a Testemunhar - Homenagem a Frei Carlos Furtado
- 15h - Eucaristia
- 16h - “Vive, partilha e avança” (Convívio)

17

Março

Centro Cultural Recreativo e Social de Pussos

RUA DOS TEMPLÁRIOS, N.º 52 CABAÇOS
3250-355 PUSSOS SÃO PEDRO

Diocese de Coimbra

Inscrições e Informações - 249 539 679
(segunda a sexta das 9h-13h e 14h - 18h)

No dia 17 de março, teremos como guia a venerável Irmã Lúcia, a grande Mensageira que nos relatou os acontecimentos de Fátima, escrevendo as suas Memórias.

A venerável Irmã Lúcia é um exemplo de fé, pelo “sim” dado a Nossa Senhora, para se oferecer a Deus. Foi a grande Mensageira da “Senhora do Céu”, divulgando os seus pedidos que hoje são conhecidos em todo o mundo. Entreguemos também nós a nossa vida nas mãos do Pai e sigamos caminho para anunciar a mensagem de Paz deixada em Fátima, que cada vez mais precisa de ser conhecida e posta em prática. O Setor Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) recordará também um grande Mensageiro, que, tendo passado pelo Setor Juvenil enquanto jovem, se tornou o seu assistente espiritual anos mais tarde: Frei Carlos Furtado, da Ordem dos Pregadores, que ao longo da sua missão nesta ter-

ra tocou tantos corações através das suas palavras, dos seus ensinamentos e acima de tudo do seu exemplo; o sorridente dominicano, que levou tantas pessoas a conhecerem Jesus, a encontrarem-se com Ele, a crescerem na fé, a serem discípulos missionários, viverá para sempre na memória de quantos com ele se cruzaram e que dele ouviram falar.

No dia em que se assinala o aniversário do seu “nascimento para a vida eterna”, 17 de março, no lugar onde foi dado o último adeus, esperamos reunir família e amigos, antigos colegas, padres, jovens, alunos, mensageiros e todos quantos se queiram unir para lhe prestar uma sentida homenagem.

Esperamos por cada um de vós! Para qualquer esclarecimento contacte o Secretariado Nacional do MMF. Tel: 249 539 679. Email: secretariadonacional@mmfatima.pt

“Com Maria aprendemos a estar junto à cruz dos seus filhos que sofrem”

Irmã Lúcia de Jesus foi lembrada na missa da peregrinação mensal de fevereiro, presidida por Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário.

Cátia Filipe

A missa da peregrinação mensal de fevereiro, na Basílica da Santíssima Trindade, foi presidida pelo padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, e nela se fez memória da Irmã Lúcia de Jesus, nos 19 anos da sua morte.

O Coração Imaculado de Maria “é nosso refúgio, e foi-o para a Irmã Lúcia”, por isso, “os cristãos de todos os tempos confiaram a Maria as suas dores e preocupações, pedindo a sua ajuda e intercessão, colocando-se sob a sua proteção”.

“Apesar das dificuldades que cada um de nós sente e tem de gerir, é importante e necessário vencer a indiferença diante

do sofrimento dos outros. Nos momentos de sofrimento tendemos a fechar-nos em nós, e o Evangelho diz que não basta; mesmo quando estamos no meio de dificuldades, não podemos tornar-nos indiferentes”, afirmou o padre Carlos Cabecinhas.

Nossa Senhora “mostra-nos que o nosso lugar é junto à cruz de quem sofre, para ajudarmos, para consolarmos, para apoiarmos, para aliviarmos o sofrimento”.

Com os Santos Francisco e Jacinta “aprendemos a confiarmos nas mãos de Deus através de Maria, nosso refúgio”.

“Nos momentos mais difíceis

de incompreensão ou de sofrimento, por causa da doença que os vitimou, foi a promessa daquela Senhora mais brilhante que o sol que os guiou e alimentou a sua esperança: a promessa de que não os deixaria sozinhos diante do sofrimento; a promessa de que encontrariam no seu Coração Imaculado o refúgio nas horas difíceis; a promessa de que iriam para o Céu”, explicou o reitor do Santuário de Fátima.

O decreto com as virtudes heroicas da Irmã Lúcia foi lido a 13 de julho de 2023, pelo Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, que chancelou o processo na sua fase diocesana.



Organista do Papa tocou no concerto evocativo dos Pastorinhos

IX Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima foi realizado em parceria com o VIII Ciclo de Órgão de Torres Vedras.



Teve lugar, a 18 de fevereiro, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário o IX Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima, com Josep Solé Coll, organista titular da Basílica Papal de São Pedro do

Vaticano e organista para as celebrações litúrgicas do Santo Padre.

Além do organista espanhol, o concerto contou com a presença do coro masculino português Voces Verbi.

D. José Ornelas lembrou crianças vítimas da guerra, da violência e dos abusos

Na Festa Litúrgica dos Santos Francisco e Jacinta Marto, a oração pelas vítimas da guerra esteve presente nos vários momentos celebrativos.

Cátia Filipe

A Igreja assinalou a Festa Litúrgica dos Santos Pastorinhos, Francisco e Jacinta Marto, e o Santuário de Fátima assinalou de forma particular a vida destes Santos.

Na Vigília de Oração, as vítimas da guerra na Ucrânia foram particularmente lembradas durante o terço, e depois nos momentos de veneração aos Pastorinhos nos seus túmulos.

Na missa que teve lugar na Basílica da Santíssima Trindade, o bispo D. José Ornelas lembrou que Francisco e Jacinta “foram simplesmente crianças, e deixaram-se maravilhar pelo

esplendor do olhar de Maria, a Mãe, e aprenderam a olhar para Deus, com a confiança de quem olha para os pais, e isso deu-lhes uma grande força para suportar todos os sofrimentos”. Os Pastorinhos entenderam esta verdade e “partiram sem drama deste mundo”, com a dificuldade de uma doença, e levamos connosco esta mensagem”.

“Com isto, Jesus desafia-nos ainda a não desprezar os pequeninos”, alertou, pois, a família não é só o núcleo familiar, “é também a Casa do Pai, que reúne “Todos, Todos, Todos”. “Do pai e da mãe recebemos o

carinho e a orientação, e todos os filhos são amados”, lembrou, considerando que “não se pode ser filho do Pai do Céu e odiar ou tratar mal quem quer que seja”.

“Como é necessário hoje este aviso, perante milhares e milhares de crianças assassinadas, pelos bombardeamentos em Gaza, no Iémen, no Sudão, na Síria, e em tantas outras guerras, como é importante perante os milhões de crianças que morrem de fome e de miséria todos os dias, que não têm escola ou cuidados de saúde, que são vítimas de violência e abusos dos adultos, na família, na escola, na Igreja! É

necessário este aviso”, alertou o prelado.

“Tomemos o exemplo dos Pastorinhos que hoje aqui relembramos, com um coração simples, filial e fraterno, confiante”, pediu aos peregrinos presentes.

Esta celebração contou com a presença do Prefeito da Congregação do Clero, Cardeal Lazarus You.

Durante a tarde, teve lugar um momento catequético, seguido da recitação do Rosário, com a participação de alunos dos Colégios de Fátima e dirigido a todas as crianças, onde se rezou “por todas as crianças que estão na cateque-

se”, por todos aqueles que fazem a guerra, para que Deus converta os seus corações, e por aqueles que sofrem por causa dela, para que depressa tenham paz”.

Depois de Francisco e Jacinta terem sido declarados santos pelo Papa Francisco, em 2017, a sua festa litúrgica passou a ser celebrada em todo o mundo, com particular destaque para o Brasil, onde é feriado municipal na cidade de Juranda, no estado do Paraná, de onde é natural o jovem que esteve na origem do milagre que permitiu a subida destas duas crianças não-mártires aos altares da Igreja.



“É fundamental afirmarmos o Turismo como instrumento de paz e de concórdia entre povos e nações”

Reitor do Santuário de Fátima falou na abertura do XI Workshop Internacional de Turismo Religioso.

Cátia Filipe

O XI Workshop Internacional de Turismo Religioso decorreu no Centro Pastoral de Paulo VI, em Fátima, nos dias 22 e 23 de fevereiro.

Na sessão de abertura, o reitor do Santuário de Fátima considerou que o ano de 2023 “ficou marcado pela recuperação do número de peregrinos e visitantes a Fátima”, lembrando que as expectativas “apontavam para uma recuperação mais lenta, depois da quebra brutal provocada pela pandemia, mas não foi isso que se verificou”.

“Obviamente que precisamos de verificar até que ponto se trata de um crescimento sustentado, excluído o efeito da Jornada Mundial da Juventude e do seu impacto ao nível do Turismo Religioso, nomeadamente aqui, em Fátima”, acrescentou o sacerdote, referindo que as expectativas para o presente ano, relativamente ao afluxo de visitantes, “são moderadamente otimistas”.

“Não podemos igualmente ignorar o contexto internacional e as ameaças à paz, que condicionam necessariamente o Turismo”,



alertou, considerando que a paz “é designio maior que não podemos ignorar e o sofrimento das vítimas não nos deixa indiferentes”.

“Praticamente dois anos após o início da guerra na Ucrânia e com quase cinco meses de guerra em

Israel e na Palestina, é fundamental afirmarmos o Turismo como instrumento de paz e de concórdia entre povos e nações”, referiu ainda.

Ainda no período da manhã, Marco Daniel Duarte, diretor do

Museu e do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, participou na conferência “Traçando Novos Caminhos — A Inteligência Artificial e o Turismo”, na qual defendeu que “os meios digitais devem ser uma forma de mediação

e não uma meta; não podem ser experiência da realidade”.

“A realidade aumentada pode ser uma experiência democratizada e aproximada, mas a experiência do lugar é fundamental e irrepetível, e é para isso que todos devemos trabalhar”, disse, referindo a forma como o Santuário de Fátima se tem vindo a adaptar a estas novas realidades, nomeadamente com a colocação de uma câmara na Capelinha das Aparições, que transmite 24 horas para a Internet.

“As mensagens com pedidos para que não retirássemos a Imagem de Nossa Senhora durante a noite foram-se multiplicando, e o Santuário teve a sensibilidade de entender a importância destes pedidos, passando a manter a Imagem 24 horas, para que fosse visível nos vários fusos horários”, contou.

Este ano, o XI Workshop Internacional de Turismo Religioso decorreu em paralelo com o XX Congresso Internacional de Turismo Religioso e Sustentável.

Guias-intérpretes reuniram-se em Fátima para refletir sobre arte e religião

“Arte e fé: o encontro com Deus pela via da beleza” foi o tema da formação promovida pelo Santuário de Fátima.

Cátia Filipe

“Arte e fé: o encontro com Deus pela via da beleza” foi o tema que uniu cerca de 70 guias-intérpretes na ação de formação anual promovida pelo Santuário de Fátima, através do Departamento de Acolhimento e Pastoral.

A 43.ª edição contou com cerca de 70 guias-intérpretes e outros guias e agentes turísticos e pastoraes para refletir sobre a estreita e antiquíssima relação entre arte e religião e sobre algumas concretizações artísticas que integram o património do Santuário.

Na sessão de abertura, o padre Carlos Cabecinhas falou deste “grupo especial, porque tem a responsabilidade de introduzir à



vivência deste lugar”.

O reitor do Santuário de Fátima falou do ano de 2023, que

“ficou marcado pela recuperação do número de peregrinos e visitantes a Fátima”. O sacerdote

falou da importância da Jornada Mundial da Juventude, e que “marcou profundamente o ano”,

assim como os desenvolvimentos no processo de beatificação da Irmã Lúcia.

O padre Carlos Cabecinhas enalteceu a “experiência do silêncio” e recordou o ato da procissão do silêncio, ou do silêncio vivido durante as visitas dos Papas a Fátima.

O programa de dois dias foi desenhado a partir do tema da ação pastoral definida para este ano — “Chamados ao Encontro” — levando à reflexão sobre o lugar e o papel da “beleza” como via para esse encontro.

O primeiro dia do Encontro teve lugar em Fátima. O segundo dia levou os guias a Lamego com visita a vários espaços religiosos.

O ano da oração e o desejo de rezar pela conversão dos pecadores

O Papa proclamou um ano de oração para preparar as celebrações do Jubileu de 2025, cuja porta santa vai ser aberta no próximo mês de dezembro.

Carmo Rodeia

Ao fazê-lo está a sublinhar a importância da oração na vida pessoal, na vida da Igreja, da oração no mundo: “Peço-vos que intensifiqueis a oração, para que nos preparemos para viver bem este acontecimento de graça e experimentar a força da esperança em Deus”, afirmou o Papa no dia 21 de janeiro deste ano quando anunciou que 2024 era o ano dedicado à oração.

“Um ano inteiro dedicado à oração. E que melhor mestra poderíamos ter do que a nossa Santa Mãe? Coloquemo-nos na sua escola: aprendamos com ela a viver cada dia, cada momento, cada ocupação com o olhar interior voltado para Jesus. Alegrias e dores, satisfações e problemas”, recomendou Francisco.

Em Fátima, a oração é a trave-mestra da vida do Santuário, seja na sua expressão individual seja na comunitária, nas grandes celebrações, onde o povo orante se dirige a Jesus através de sua mãe e confia no Coração Imaculado de Maria como caminho e refúgio que conduz todos os seus filhos para Deus. Em especial, na oração do Terço, reza-se diariamente pelo Papa e pela paz no mundo.

“Quem reza nunca deixa o mundo para trás. Se a oração não recolhe as alegrias e tristezas, as esperanças e angústias da humanidade, esta torna-se uma atividade ‘decorativa’, um comportamento superficial, um teatro, um comportamento intimista”, disse o Papa Francisco em dezembro de 2020, numa audiência geral justamente sobre a oração. Aliás, Francisco já se pronunciou sobre este tema mais de 38 vezes. Segundo o Papa, “todos precisamos de interioridade”: de nos retirarmos para um espaço e um tempo dedicados ao nosso relacionamento com Deus. Mas isto não significa fugir da realidade.

Na oração, Deus “toma-nos, abençoa-nos e reparte-nos”, porque nas mãos de Deus “todo



o Cristão é pão repartido e partilhado”, frisou o Papa ao lembrar que “a oração é o nosso coração, e a nossa voz torna-se coração e voz de muitas pessoas que não

sabem rezar, não rezam, não querem rezar ou estão impossibilitadas de rezar”.

E prossegue: “Assim, homens e mulheres de oração procuram a solidão e o silêncio, não para

não serem incomodados, mas para ouvirem melhor a voz de Deus. Por vezes, retiram-se do mundo, na intimidade do seu quarto, como o próprio Jesus

recomenda, mas, onde quer que estejam, mantêm sempre a porta do seu coração bem aberta”, disse o Papa.

Segundo Francisco, desta forma, “o orante reza pelo mundo inteiro, carregando sobre os ombros as suas dores e os seus pecados”.

Santa Jacinta foi exemplar nesta ação de rezar por si e pelos outros. A pequena Jacinta, que “gostava tanto de pensar” (MIL 61), meditando e guardando tudo no seu coração, como tinha feito a Senhora que agora era a sua “Mestra na escola da santidade”, aprende a ter um coração universal.

Durante a sua estadia na prisão, em Ourém, quando Lúcia lhe pede para escolher uma intenção pela qual oferecer os sacrifícios — pelos pobres pecadores, ou pelo Santo Padre, ou em reparação ao Imaculado Coração de Maria —, Jacinta não hesita em responder: “eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas” (MIL 53).

Jacinta desenvolveu um profundo sentimento de compaixão por todas as formas de sofrimento humano que foi percebendo, na intensa luz de Deus e através do Imaculado Coração de Maria. Foi insaciável nesta sede de rezar e de oferecer sacrifícios pelos pecadores. Ardia-lhe a alma neste zelo pela salvação da humanidade que sentia como sua. O seu amor e devoção manifestavam-se quer no cumprimento das recomendações e apelos da Virgem quer na oração frequente do Rosário, e ainda na repetição frequente das jaculatórias: “Doce Coração de Maria, sede a minha salvação! Imaculado Coração de Maria, converte os pecadores, livra as almas do Inferno!”.

**Este texto teve como fonte a página on-line da Fundação Francisco e Jacinta Marto. <https://pastorinhos.com/fundacao/acerca-da-jacinta/espiritualidade>*

Vivência do Tríduo Pascal no Santuário de Fátima é uma jornada espiritual única

A partir da Páscoa, o programa oficial do Santuário de Fátima sofre algumas alterações, entrando em vigor o designado programa de verão.

Cátia Filipe

No Santuário de Fátima, a vivência da Quaresma e da Páscoa é permeada por uma comunhão espiritual profunda e significativa. Durante a Quaresma, os peregrinos participam ativamente nas práticas penitenciais, reflexões e orações, preparando-se para a celebração da Ressurreição de Cristo na Páscoa. O Santuário de Fátima oferece uma programação especial, proporcionando aos peregrinos uma experiência espiritual intensa. Na Semana Santa, as celebrações enfatizam a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, reforçando a mensagem central da fé cristã. A presença no Santuário de Fátima durante esse período torna-se uma jornada espiritual única, onde os devotos encontram conforto, renovação e um profundo sentido de comunhão religiosa.

QUINTA-FEIRA SANTA, DIA 28

16h45 | Meditação: "Oferecer a vida por amor", na Capela da Ressurreição de Jesus

18h00 | Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade

23h00 | Oração da Agonia do Senhor, na Capela da Morte de Jesus

SEXTA-FEIRA SANTA, DIA 29

00h00-03h00 | Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos (Via Crucis), com início na Capelinha das Aparições

09h30 | Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

11h00 | Meditação: "Unir-se à redenção", na Capela da Ressurreição de Jesus

15h00 | Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade



21h00 | Via-sacra (Via Crucis), no Recito de Oração

SÁBADO SANTO, DIA 30

09h30 | Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

12h30 | Rosário, na Capelinha das Aparições

15h00 | Oração a Nossa Senhora da Soledade (Via Matris), no Recinto de Oração

16h30 | Meditação: "Entrever o dia novo", na Capela da Ressurreição de Jesus

17h30 | Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR SÁBADO

22h00 | Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de Procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento

DOMINGO, DIA 31

10h00 | Rosário, na Capelinha das Aparições

11h00 | Missa do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade

17h30 | Vésperas pascais, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário

AGENDA

março

15 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
16 sáb	UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA
17 dom	PEREGRINAÇÃO DA DIOCESE DE LEIRIA-FÁTIMA ENCONTROS NA BASÍLICA II
19 ter	SÃO JOSÉ, ESPOSO DA VIRGEM SANTA MARIA SOLENIIDADE
21 qui	EVOCAÇÃO DAS APARIÇÕES DO ANJO
22 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
24 dom	DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR
28 qui	QUINTA-FEIRA DA SEMANA SANTA FÁTIMA NA LUZ DA PÁSCOA. Viver o Tríduo Pascal com a mensagem de Fátima (28-31)
29 sex	SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO SENHOR
30 sáb	SÁBADO SANTO
31 dom	DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR Início do Programa de Verão

abril

7 dom	CONCERTO DA PÁSCOA
----------	--------------------

A partir da Páscoa o programa oficial do Santuário de Fátima sofre algumas alterações, entrando em vigor o designado programa de verão, que se estende até ao final de outubro.

As missas em língua portuguesa celebram-se às 7h30 todos os dias na Basílica de Nossa Senhora do Rosário; às 09h00, de segunda a sábado, na Capela da Morte de Jesus e ao domingo na Basílica da Santíssima Trindade; às 11h00, de segunda a sábado, na Basílica da Santíssima Trindade e ao domingo no Recinto de oração; às 12h30, de segunda a sábado, na Capelinha das Aparições e ao domingo na Basílica da Santíssima Trindade; às 15h00, de segunda a sábado, na Capela da Morte de Jesus e ao domingo, na Basílica da Santíssima Trindade; às 16h30, de segunda a sábado, na Capela da Morte de Jesus e ao domingo, na Capelinha das Aparições; às 18h30, diariamente, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário.

Ao domingo, as missas das 11h00 e das 15h00 têm interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

De segunda a sábado, às 8h00 celebra-se missa em língua italiana, na Capelinha das Aparições, e às 15h30, missa em inglês, de segunda a sexta, na Capelinha

das Aparições. Nesse mesmo local, os peregrinos de língua espanhola podem participar numa celebração diária, às 19h15.

O rosário é rezado na Capelinha das Aparições nos seguintes horários: 10h00 ao sábado e domingo; 12h00 de segunda a sábado; 16h00 ao sábado e domingo; 18h30 diariamente; 21h30 diariamente, seguido da procissão das velas.

A hora de reparação ao Coração Imaculado de Maria, às 14h00, acontece todos os dias na Capelinha das Aparições.

Diariamente, faz-se a veneração dos Santos Francisco e Jacinta Marto, junto dos seus túmulos, às 18h00, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A oração de vésperas acontece às 17h30, quinta-feira, na Capela do Santíssimo Sacramento, e ao domingo, à mesma hora, faz-se a procissão eucarística no Recinto de Oração.

A Capela da Reconciliação está aberta diariamente. Durante a semana, de segunda a sexta-feira, entre as 7h30 e as 13h00 e entre as 14h00 e as 19h30, e ao sábado e domingo de forma ininterrupta entre as 7h30 e as 19h30.

A bênção das viaturas, tem lugar no parque 12, e acontece aos domingos e dias santos pelas 12h45 e pelas 17h00.